

BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na sexta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na sexta (em US\$)	Comercial, venda, sexta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Oncoproy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefixado, 31 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
+2,12 (São Paulo)	+0,11 (Nova York)	21.769	2,910 (▼0,61%)	3,527 (▼0,03%)	394,90 (▼0,61%)	15,67	0,29
	21.790		16/abril 2,90 19/abril 2,90 20/abril 2,92 21/abril 2,92 22/abril 2,92				0,34
	16/04 19/04 20/04 22/04 23/04	0,940 (▲0,07%)					0,52
							0,76
							0,61

24 ABR 2004

POLÍTICA ECONÔMICA

Economia - Brasil

Arrecadação do setor público brasileiro no primeiro trimestre deste ano fica R\$ 6 bilhões acima do que foi acertado com o Fundo Monetário Internacional. Resultado fez Bolsa de Valores subir 2,12%

Saldo supera meta

VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

Na tentativa de reverter a desconfiança dos investidores em relação ao ajuste fiscal — fato que provocou estragos nos indicadores financeiros do país na semana passada —, o Banco Central informou ontem que o superávit primário (receitas menos despesas, sem levar em conta os gastos com juros) do setor público totalizou R\$ 20,528 bilhões no primeiro trimestre do ano. O aperto nos gastos foi tão forte, que estados, União e municípios economizaram R\$ 6,028 bilhões acima da meta de R\$ 14,5 bilhões acertadas com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para o período. Somente em março, o superávit primário alcançou R\$ 10,282 bilhões, recorde histórico mensal desde que o BC passou a divulgar tais resultados, em 1991.

Segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, mesmo pagando juros de R\$ 10,207 bilhões em março, o setor público fechou o mês com saldo positivo de R\$ 75 milhões, o chamado superávit nominal. A última vez que isso aconteceu, em abril do ano passado, o real registrou forte valorização frente ao dólar, permitindo ao Banco Central embolsar mais de R\$ 11 bilhões em lucros com operações de swap cambial, nas quais a instituição aposta que as taxas de juros vão render mais que a moeda americana e o mercado fica na ponta contrária. “Não creio que voltaremos a registrar su-

perávit nominal nos próximos meses. Pelas nossas contas, encerraremos 2004 com déficit de 2,9% do Produto Interno Bruto (PIB)”, afirmou Altamir.

Tão logo o BC divulgou os números das contas públicas, o mercado deixou o pessimismo de lado e respondeu com bom humor ao esforço do governo. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) fechou a sexta-feira com alta de 2,12%, reduzindo para 0,82% as perdas acumuladas na semana. O dólar, por sua vez, recuou 0,61%, cotado a R\$ 2,910. Já os C-Bonds, títulos mais negociados da dívida externa brasileira, encerraram o dia valendo US\$ 0,940, com alta de 0,07%. O risco Brasil inverteu a trajetória, cravando elevação de 1,6%, para os 606 pontos.

Arrocho
O economista do BC reconheceu que o forte arrocho imposto pelo governo contribuiu para reduzir o ritmo da atividade econômica no primeiro trimestre. “É óbvio que, no curto prazo, um superávit do tamanho do que alcançamos afeta a demanda agregada (consumo). Mas o importante é que a responsabilidade fiscal permite a estabilidade a médio e longo prazos, incentivando os investimentos que vão criar empregos e gerar mais renda”, afirmou. Altamir disse ainda que a economia extra conseguida pelo governo no primeiro trimestre será compensada nos meses seguintes. Historicamente, no fim do ano, o setor público registra déficit devido às despesas com 13º salário e férias do funcionalismo.

O BC está tão confiante na manutenção do ajuste fiscal nos próximos meses, que faz projeções bastante otimistas para o comportamento da dívida pública, motivo de grande preocupação por parte do FMI. Nos cálculos de Altamir, a relação entre a dívida e o PIB fechará o ano em 57,5% do PIB, um recuo de 1,2 ponto percentual em relação a dezembro de 2003 (58,7%). Em março, essa relação estava em 57,4%, com a dívida líquida do setor público somando R\$ 924,444 bilhões, R\$ 2,237 bilhões a menos que em fevereiro. “A dívida caminha de forma estável, com tendência de queda”, ressaltou.

Na avaliação do economista Carlos Thadeu Filho, do Departamento de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o governo precisava dar um resposta firme aos investidores sobre responsabilidade fiscal. É que em janeiro e fevereiro, os superávits primários ficaram aquém das expectativas,

acendendo um sinal de alerta no mercado, que passou a temer gastos excessivos do governo. As empresas estatais, por exemplo, contabilizaram déficits de R\$ 5,2 bilhões no primeiro bimestre. “O susto foi grande. O medo de descontrolar ficou explícito”, disse. Thadeu Filho acredita que o governo está em uma grande camisa-de-força. A necessidade de cumprir a meta de superávit de 4,25% do PIB neste ano, sem passar sinais de permissividade nos gastos, acabará travando a atividade econômica além do desejado. Ao fazer isso, acabará criando outro tipo de temor junto aos investidores: o de falta de crescimento. “A expansão do PIB é fundamental para diminuir a relação da dívida pública. Somente o superávit primário e a lenta redução dos juros não resolvem isso”, ressaltou.

Pelo acordo com o FMI, o superávit primário até junho terá de ser de R\$ 32,6 bilhões, saltando para R\$ 56,9 bilhões em setembro e para R\$ 71,5 bilhões em dezembro.



FUNDAMENTOS

“O IMPORTANTE É QUE A RESPONSABILIDADE FISCAL PERMITE A ESTABILIDADE A MÉDIO E LONGO PRAZOS, INCENTIVANDO OS INVESTIMENTOS QUE VÃO CRIAR EMPREGOS E GERAR MAIS RENDA”

Altamir Lopes,
chefe do Departamento
Econômico do Banco Central

OS EFEITOS

Como o superávit primário recorde afeta o país

Apesar de ser um bom indicador fiscal e uma notícia a ser festejada pelo mercado financeiro, o superávit primário (representa as receitas da União, estados e municípios descontadas suas despesas, com exceção dos gastos com juros) recorde de R\$ 10,282 bilhões registrado pelo setor público em março, contribuiu para manter a economia estagnada e para o aumento do desemprego.

O resultado de março agrada ao mercado financeiro, porque os R\$ 10,282 bilhões economizados são a garantia de que o país terá dinheiro para honrar o pagamento de sua dívida e dos juros correspondentes. No entanto, agradar ao mercado financeiro e cumprir a meta de superávit acertada com o FMI (Fundo Monetário Internacional), de 4,25% do PIB, também têm um lado negativo a ser pago.

O dinheiro arrecadado com impostos e que foi economizado para o pagamento de juros está deixando de ser investido em obras públicas ou projetos sociais, que poderiam ajudar a reativar a economia ou a gerar empregos.

O governo, no entanto, aposta que, no longo prazo, um superávit dessa magnitude contribua para que estrangeiros apostem no Brasil, tragam investimentos e ajudem no desenvolvimento do país.

